

## Jovens, violência fatal, superposição de carências e mercado de trabalho

Nancy Cardia

O homicídio, principalmente o homicídio de jovens cresce onde os fatores de proteção, parecem mais escassos (Cardia, Adorno e Poletto, 2003). Isto foi o que demonstrou a análise da relação entre as taxas de homicídio por 100.000 habitantes, dos 96 distritos censitários do Município de São Paulo, e uma série de 12 variáveis<sup>1</sup>, que indicam o grau de acesso a alguns direitos: saúde, emprego, habitação decente, saneamento básico, escolaridade, e renda ao longo da década dos anos 1990. As taxas de homicídio são maiores naqueles distritos onde ocorre uma superposição de carências, combinada com grande concentração de população jovem, aquele grupo da população que, em geral, é mais vulnerável a se envolver em situações de violência.

Resultados semelhantes já haviam sido obtidos por outros estudos brasileiros. Piquet Carneiro (2000), por exemplo, apontara para a associação entre homicídios e pobreza, desigualdade, nível de escolaridade do chefe da família e presença de famílias monoparentais. Relação semelhante foi identificada em estudo da Secretaria do Trabalho e da Solidariedade, da Prefeitura do Município de São Paulo (2002). Este estudo inova por trabalhar com um número maior de variáveis e por apontar que estas interagem entre si, demonstrando que a sobreposição de várias carências não é um fato neutro, mas pode intensificar o efeito de cada variável isolada.

Qual é grau de carência ao qual nos referimos? Nos 24 distritos do Município de São Paulo, em taxas de homicídios são superiores à média da cidade, se caracterizam por apresentarem:

- 1 - Um perfil demográfico distinto dos demais distritos: taxas de crescimento populacional muito superiores à média da cidade- até 9 vezes superior (Cidade Tiradentes - 7,89% ao ano)<sup>2</sup>; e as mais altas concentrações de crianças de 0 até 10 anos e de jovens de 11 até 19 anos da cidade estão nestes distritos;
- 2 - Concentração da maior parte da população com menor renda da cidade, e aquela que aparentemente mais perdas sofreu ao longo dos anos 1990: chefes de família sem renda (49%);
- 3 - Concentração de chefes de famílias com mais baixa escolaridade: aumentou nestas regiões, ao longo dos anos 1990, o percentual de chefes com menos de quatro anos de estudo, tendência oposta ao que ocorreu na média da cidade<sup>3</sup>;
- 4 - Concentração de um grande número de famílias chefiadas por mulheres;
- 5 - Condições de saúde e salubridade mais precárias: maiores taxas de mortalidade infantil, menor acesso a hospitais, domicílios com menor acesso à rede de esgotos;
- 6 - Altos índices de congestionamento das habitações - congestionamento dentro da moradia - medido em termos do número de moradores em relação ao número de cômodos habitáveis (exceto garagem, corredores) do domicílio;
- 7 - Pouca disponibilidade de postos de trabalho: déficits de postos de trabalho muito superiores à média da cidade, variando entre 31 postos por 100 moradores (Jaçanã) e 12 postos por 100 moradores (Iguatemi).

---

As taxas de homicídio são maiores naqueles distritos onde ocorre uma superposição de carências, combinada com grande concentração de população jovem, aquele grupo da população que, em geral, é mais vulnerável a se envolver em situações de violência

---

## O aprofundamento das desigualdades

Não surpreende que os homicídios estejam concentrados nas áreas onde haja um maior número de jovens, com baixa escolaridade, com baixa renda, com baixos índices de emprego. Há algum tempo que os estudos sobre o homicídio vêm demonstrando as relações entre o homicídio e estas superposições de carências. Surpreende que ao invés de progredirmos na universalização do acesso aos direitos: a educação, saúde, moradia, trabalho, têm-se ampliado as desigualdades entre partes da cidade (distritos) e, certamente, também dentro destas áreas.

Como é que estas condições de carências convergem em situações de violência? O maior crescimento populacional nestas áreas significa uma maior pressão por serviços públicos em geral: por escolas, creches, hospitais, por saneamento, por moradia, por trabalho, por transporte público, isto sem falar em cultura, esportes e lazer. O setor público não tem tido recursos financeiros para realizar tais investimentos e o setor privado não percebe na população local capacidade de pagar pelos serviços que eventualmente poderia prestar. Novas famílias vão se formando precariamente porque há falta de emprego e é difícil para um jovem assumir a responsabilidade por uma família, sem ter a capacidade financeira para prover por ela. Isto favorece o desenvolvimento de uniões mais instáveis.

Um novo núcleo familiar raramente consegue se estabelecer nestes distritos com uma moradia própria. Como há escassez de moradias, os aluguéis são excessivamente altos. Um jovem casal pode até iniciar a vida conjunta alugando uma moradia mas, com frequência, acaba coabitando com os núcleos familiares de origem. Isso se dá pela construção de mais cômodos, no lote original, aumentando o adensamento deste ou, em um re-arranjo interno da moradia original. O resultado é um adensamento maior, o que favorece a tensão familiar<sup>4</sup>. A falta de espaço físico, acompanhada da falta de privacidade, em um contexto de desemprego ou de instabilidade (e portanto imprevisibilidade) de rendimento, pode gerar muita disputa familiar. Isto ocorre particularmente quando esta falta de espaço também se dá nos espaços externos à moradia.

As mudanças no perfil do mercado de trabalho, ao longo da década passada, e que continuam a ocorrer nos dias de hoje, têm um papel muito importante no quadro descrito acima. Se no passado a população parecia 'se virar' melhor frente ao problema de moradia, não podemos ignorar em que medida a existência de um mercado de trabalho formal, que dava acesso aos direitos trabalhistas desempenhava, tanto no acesso à moradia e à saúde, quanto no pensar o futuro (uma aposentadoria por exemplo) e até na redução de violência potencial. Este mercado de trabalho se traduzia em previsibilidade, em termos de rendimento; dando acesso à alternativas de captação de recursos, como venda de férias, bônus de férias, 13º salário e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o que com frequência se concretizou em moradias auto construídas ou na aquisição de uma casa em 'terreno da Prefeitura' etc.

O crescimento dos chefes de família sem renda é resultado não só do desemprego, mas também do crescimento do trabalho informal, irregular e não previsível. O crescimento deste mercado de trabalho - consequência da reestruturação industrial que eliminou várias ocupações, inclusive aquelas menos especializadas e que, por requererem pouca ou nenhuma qualificação, serviam de porta de entrada para os jovens não habilitados - tem conotações de tragédia em um contexto como o nosso. Estas profundas alterações no mercado de trabalho têm impacto direto sobre a violência, pelo menos é o que vêm demonstrando sucessivos estudos estrangeiros, que vem sendo confirmado pelos primeiros estudos aqui realizados.

---

Um jovem casal pode até iniciar a vida conjunta alugando uma moradia mas, com frequência, acaba coabitando com os núcleos familiares de origem

---

A abertura econômica segundo Green, Dickerson and Arbache (2001) teria tido um efeito perverso:

"os salários crescem com a educação, mas é notável que para cada grupo de renda média o salário declinou entre 1981 e 1999. O declínio do salário foi menor entre os trabalhadores analfabetos e maior entre aqueles com níveis intermediários de educação completa. No período desde de 1992 tanto os menos educados como os mais bem educados, melhoraram seus salários em relação àqueles com níveis intermediários de educação."

Estes resultados são devastadores para a questão da violência: se os jovens investem na obtenção de maior nível de escolaridade na expectativa de conseguirem uma condição de vida e salário melhores, frustram-se brutalmente. Esta discrepância, entre o que esperavam obter e o que têm conseguido, pode ser um fator que reduza a resistência deles a delinquir, dependendo de como interpretam a situação. Se a falha em obter empregos, que paguem salários mais justos, for atribuída a eles mesmos, a tendência é de que se sintam responsáveis pelo 'fracasso'. Esta culpa inibiria o envolvimento deles com delitos, mas se atribuem a responsabilidade, pela falta de acesso a condições de trabalho mais dignas, ao sistema, ou estrutura econômica, ou ao governo os inibidores podem não estar lá.

Assim, a natureza do trabalho, o valor do salário, o tipo de compromisso que se estabelece com ele/ela - ou com outros como ele/ela -, o que se espera dele/a e o que se promete a ele/a, tudo pode afetar as decisões destes jovens quanto a aceitar ou não as regras. Quando há reciprocidade de direitos e obrigações contratadas, há uma troca. Seus termos vão dar ao jovem condições de avaliar se vale a pena ou não aderir aos limites e controles. Nesta decisão entra não só o conjunto de suas experiências passadas, mas também o que testemunham estar ocorrendo com outros iguais a ele/a ou mais velhos. O desemprego prolongado de adultos não é inócuo para os jovens. Ao contrário, ele afeta estes indivíduos que temem vir a passar pelo mesmo (McGahey, citado por Crutchfield e Pitchford, 1997). Além disto, adultos que sofrem desemprego prolongado perdem legitimidade frente aos jovens. Adultos que sobrevivem do mercado informal, através de 'bicos' não têm status profissional e credibilidade para serem ouvidos pelos jovens, ou seja, não conseguem ser modelos quer do futuro, quer do hoje. Esta constatação levou os autores a considerarem que grandes concentrações de desempregados teriam um efeito socializador negativo, pois mostrariam aos jovens que eles pouco teriam a ganhar por se submeterem às regras e normas sociais.

No Brasil, além do maior desemprego, Camarano (2002), comparando as condições do mercado de trabalho entre 1980 e 1999, concluiu que os salários iniciais estão mais baixos que em 1980. Este autor verificou ainda que: conseguir o primeiro emprego está mais difícil, apesar do melhor nível educacional dos jovens que entram no mercado; e os contratos de trabalho são mais precários por exemplo, por prazo determinado. Pior ainda são os contratos informais ou seja, sem acesso a benefícios, como saúde, aposentadoria, a salário desemprego, ou a fundo de garantia.

---

Assim, a natureza do trabalho, o valor do salário, o tipo de compromisso que se estabelece com ele/ela - ou com outros como ele/ela -, o que se espera dele/a e o que se promete a ele/a, tudo pode afetar as decisões destes jovens quanto a aceitar ou não as regras

---

Na Região Metropolitana de São Paulo, estes efeitos foram ainda mais intensos: a participação da cidade na atividade industrial do país, que chegou a representar 42,2% da produção nacional, em 2000 representava 13,9% (IBGE, 2002). Se as indústrias foram embora da região é de se esperar que também tenham ido embora os empregos menos qualificados, o que dificultaria o ingresso dos jovens e dos trabalhadores menos qualificados ao mercado de trabalho. O desemprego, nos últimos dois anos, em São Paulo tem sido um dos maiores dentre as capitais do país, girando em torno de 20% (DIEESE-SEADE), considerando-se tanto o desemprego aberto como o oculto. Estima-se ainda que, em média, o desemprego de jovens deva ser o dobro daquele dos adultos.

A redução do mercado de trabalho menos especializado provoca fortíssima competição entre os pobres. Além de pagar mal, não oferecer benefícios e nem proteção. Pagando salários mínimos este mercado leva a população a viver em situação de profunda privação<sup>5</sup>.

Os autores citados acima demonstraram que, a medida em que cai a oferta de trabalho menos qualificado, não só aumenta a pobreza, mas caem as ofertas de emprego em geral. Também diminui o salário médio, dada a grande oferta de mão de obra menos qualificada, e cresce o número de trabalhadores em tempo parcial. Aqueles mais excluídos dentro de uma sociedade são os mais afetados por este processo, tanto porque têm menor condição de competir pelos postos que existem, como são os que mais sofrem pela perda do trabalho menos qualificado. Aumentada a privação econômica, aumenta a violência. Isto se dá não só pela perda do trabalho, mas porque esta afeta a estrutura social das comunidades: os adultos perdem o emprego e a autoridade sobre os mais jovens, não dispendo de meios para convencê-los de que é possível aspirarem por uma mobilidade social ascendente.

As mudanças no mercado de trabalho, as alterações nos contratos de trabalho, o aumento da imprevisibilidade, a falta de compromisso mútuo, todos estes fatores têm peso sobre a violência e sobre a desigualdade e representam forte obstáculo para a prevenção da violência e para a redução das desigualdades. Por um tempo encontramos conforto na idéia de que a criatividade das pessoas, impulsionada pela necessidade da sobrevivência, mitigaria os efeitos danosos dos processos de estabilização econômica. Talvez seja bom começarmos a refletir sobre os limites desta criatividade e começarmos a nos debruçar sobre os custos humanos destes processos, em termos das perdas de qualidade de vida, de realização de potenciais, habilidades e de felicidade que até podem ser contabilizadas como individuais, mas que sempre são, de um modo ou de outro de toda a sociedade.

<sup>1</sup> As taxas de homicídio são piores onde há poucos empregos, muitos chefes de família com baixa escolaridade (menos de 4 anos de escolaridade), muitas casas precárias (congestionamento domiciliar, pouco acesso a rede de esgotos), maiores taxas de mortalidade infantil e pouco acesso a leitos hospitalares. Altas taxas de homicídio também estão associadas à altas taxas de crescimento de jovens e crianças e a pequena presença de pessoas mais idosas e com uma reduzida presença de moradores com alta renda e alta escolaridade.

<sup>2</sup> As exceções a esta tendência são representadas por distritos mais consolidados como Morumbi, Sé, Brás, Jaçanã e Cidade Ademar que apresentam altas taxas de homicídios ,

mas que aprestam especificidades: no Morumbi a violência se concentra em partes do distritos com características bem marcadas, na Sé a taxa de homicídios é inflada pelo baixo número de residentes no distrito, os outros três distritos citados devem sofrer uma análise mais refinada a partir dos setores censitários neles contidos.

<sup>3</sup> Uma explicação para este aumento, em um período em que a escolaridade da população como um todo melhorou, é que assim como tem aumentado nas comunidades mais carentes a gravidez precoce, que estes chefes tenham menos escolaridade por serem também mais jovens. Podemos estar observando o crescimento de unidades familiares em condições maior carência, do que aquelas que as antecederam e o aumento da desigualdade dentro destes distritos mais desprovidos.

<sup>4</sup> Não se pode subestimar o peso que a falta de privacidade tem sobre a tensão e agressão dentro das famílias e mesmo fora delas. Um dos mecanismos de defesa mais adotados por adultos e crianças contra este congestionamento é o "desligamento psicológico" uma filtragem das informações que leva as pessoas a exibirem uma certa apatia com o meio e a ignorar "dicas" aumentando o risco de serem mal interpretadas e inadvertidamente iniciarem conflitos. Mesmo entre pais e filhos, congestionamentos como os identificados nos distritos de São Paulo levam a comportamentos dos pais de distanciamento de seus filhos e de maior crítica em relação ao comportamento deles, afetando os laços afetivos (Evans et al, 2001; Evans, 2000).

<sup>5</sup> Sobre as condições de vida dos trabalhadores americanos que ganham salários mínimos ler o relato da jornalista americana Barbara Ehrenreich no livro "Nickel and Dimed: On (Not) Getting by in America" onde ela relata sua experiência de se passar por trabalhadora manual durante vários meses trabalhando em grandes cadeias de comida e de varejo nos Estados Unidos e as condições subhumanas de trabalho e de subsistência a que esses trabalhadores são submetidos.

---

#### Bibliografia

- Camarano, Ana Amélia et al (2001) Os jovens brasileiros e o mercado de trabalho. Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise IPEA no. 17: 31-39, Novembro.
- Cardia, N; Adorno. S. e Poletto, F (2003) "Homicídio e Violação de Direitos Humanos em São Paulo". Revista do IEA-USP, 17 (47): 43-73.
- Crutchfield, R.D. and Pitchford, S.R. (1997) Work and crime: the effects of labor stratification. Social Forces. 76(1): 93-118.
- Evans, G et al (2000) " The meaning and efficacy of social withdrawal as a strategy for coping with chronic residential crowding". Journal of Environmental Psychology. 20: 335-342.
- Evans, G, et al (2001) " Residential density and psychological health among children in low income families". Environment and Behavior. 33(2): 165-180.
- Green, F, Dickerson, A and Arbache, J. S.(2001) "A picture of wage inequality and the allocation of labor through a period of trade liberalization: the case of Brazil". World Development 29(11): 1923-1939.
- Piquet Carneiro, L. (2000) "Violent crime in Latin America: Rio de Janeiro and São Paulo". The World Bank.
- Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade. (2002) Pobreza e violência no Município de São Paulo.